

# A retórica da comparação

Por José Luís Fiori

*Valor Econômico*, 30.7.14

**Mundo vive uma imensa mudança geopolítica e econômica com a intensificação das disputas e da competição.**

Na década entre 2003 e 2012, a taxa média de crescimento anual do PIB do Uruguai, Bolívia e Equador foi superior à taxa média de crescimento do Brasil. E o mesmo aconteceu com a taxa de crescimento das exportações destes três países, que também cresceu mais que o Brasil. Mais do que isto, o Uruguai obteve a segunda maior taxa de crescimento da América do Sul, superior às taxas do Chile e da Colômbia. E todos estes países seguirão crescendo mais do que o Brasil no ano de 2104. Diferente do Chile, da Colômbia e do Peru, o Uruguai pertence ao Mercosul, a Bolívia está ingressando e o Equador está a caminho. Mas o que realmente pesa e interessa é que todos estes países são pequenas economias exportadoras de commodities com baixíssimo grau de industrialização e limitados mercados internos de consumo.

O uso da comparação como método de conhecimento e aprendizado social e político começou na Grécia e se generalizou depois de Maquiavel. Mas foi só na segunda metade do século XX que os avanços quantitativos da Contabilidade Nacional permitiram fazer comparações macroeconômicas abstratas entre países. O problema é que estas comparações só tem sentido, e permitem algum aprendizado, quando elas tomam em conta as bases materiais concretas sobre as quais se sustentam e constroem estas abstrações macroeconômicas.

Por isto, tem pouca utilidade comparar o Brasil com estes pequenos países e seria uma insensatez ainda maior propor que o Brasil seguisse o modelo de crescimento destas verdadeiras "ilhas monoexportadoras". A economia do Uruguai é do tamanho da de Santa Catarina, e as do Chile e Peru são mais ou menos do tamanho da economia do Rio de Janeiro. Comparar o Brasil com estes países seria como comparar um elefante com um coelho, e copiar seu modelo de crescimento seria como tentar dirigir um caminhão usando um manual de instruções de um patinete.

Segundo cálculos recentes do Banco Mundial, o Brasil passou a ser a sétima maior economia do mundo na década entre 2004 e 2013. Além disto, segundo os dados do Bird, o Brasil foi o país que teve a 5ª maior taxa média de crescimento anual do PIB e da renda per capita, entre as dez maiores economias do mundo, neste mesmo período. Por último, e apesar de tudo, o Brasil obteve a 4ª maior taxa de crescimento entre as grandes potências econômicas do mundo em 2013 e está mantendo a 7ª maior taxa no ano de 2014.

## Algumas economias sul-americanas

(2003 e 2012)

Países	Média de Crescimento (% do PIB)	Média de Crescimento % das Exportações de Bens e Serviços
Peru	6,47	7,14
Uruguai	5,23	8,69
Colômbia	4,73	5,88
Equador	4,54	4,73
Bolívia	4,46	6,79
Chile	4,45	4,29
<b>Brasil</b>	<b>3,58</b>	<b>5,20</b>

Fonte: calculado com base em <http://data.worldbank.org> disponível em 14/05/2014

A partir de agora - goste-se ou não --, este é o novo "grupo de referência" do Brasil, e ao mesmo tempo, é o grupo dos países que disputam com o Brasil os mercados mundiais. Neste grupo das grandes potências econômicas do mundo, cinco das seis economias que aparecem na frente do Brasil (se incluirmos aí a Alemanha e o Japão, o que parece bastante adequado) seguem estratégias econômicas fortemente nacionalistas e devem ser considerados casos típicos de "capitalismos de Estado". Além disto, todos são ou disputam hoje a condição de potências geopolíticas regionais ou globais.

Mesmo assim, seria uma ingenuidade querer copiar pura e simplesmente as políticas destes países. Até porque, entre os chamados "emergentes", o Brasil já viveu seu ciclo de alto crescimento econômico, entre 1937 e 1980, aproveitando-se da oportunidade estratégica criada pela Segunda Guerra Mundial e pela Guerra Fria. Ao contrário dos demais "emergentes" que começaram seu ciclo no final do século XX, o que faz uma enorme diferença.

## As 10 maiores economias do mundo

(2004 e 2013)

Países	Média de Crescimento (% do PIB)	Média de Crescimento % da Renda per Capita
EUA	1,74	0,85
China	10,20	9,62
Índia	7,50	6,05
Japão	0,78	0,81
Alemanha	1,29	1,52
Rússia	4,01	4,10
<b>Brasil</b>	<b>3,73</b>	<b>2,73</b>
França	0,96	0,39
Indonésia	5,75	4,34
Inglaterra	1,10	0,37

Fonte: calculado com base em <http://data.worldbank.org> disponíveis em 07/07/2014

Neste momento, para discutir novas estratégias de aceleração econômica não bastam comparações macroeconômicas simplórias e fora do contexto estrutural e geopolítico de cada país. Nestas primeiras décadas do século XXI, o mundo está atravessando uma imensa transformação geopolítica e econômica global, com a intensificação da competição e das disputas entre as suas grandes potências militares. Nestas horas se ampliam os espaços e as oportunidades estratégicas dos demais Estados e economias que disponham de tamanho, população, recursos e densidade econômica suficiente, como é o caso do Brasil.

E mesmo assim, o aproveitamento destas oportunidades estratégicas dependerá da existência de coalizões de poder, burocracias e lideranças, com capacidade de antecipar as brechas e desenhar as políticas econômicas adequadas para cada momento. E com capacidade de sustentar - por um período prolongado de tempo - o objetivo central de conquista agressiva de posições dentro da hierarquia internacional de poder e de riqueza. Nestes momentos não cabe olhar para trás ou para baixo, há que olhar para frente e pensar grande para não ser atropelado pela história.